

O primeiro tobo de São Francisco

Disseram que foi a alguns quilômetros ao sul do estado de Minas Gerais. Pra ser um pouco exato, foi a cerca de 320 quilômetros da capital. Interessado na história, e no que ela poderia me render, foi só arrumar as malas e partir em busca do local. À noite do dia dezesseis, véspera do início de minha viagem, liguei para uma conhecida minha, muito religiosa, a fim de confirmar o que queria ver: o local onde São Francisco caiu pela primeira vez. A história estava um pouco mal contada; disse minha amiga que logo depois que ele nasceu, andou por alguns instantes e caiu. A causa era que havia um buraco no chão. Acontece que mesmo tendo caído, seguiu em frente. E foi-se embora. Disse ela, que foi um milagre. A data, todos desconhecem, mas é certo que foi antes do nascimento de Cristo, uma vez que o São Francisco é mais velho que Jesus.

Ao telefone, minha conhecida fez mais uma observação, em tom de alerta: ano passado, um jovem morreu ao buscar o mesmo que eu queria. Agradei à preocupação dela e fui dormir.

Diego Meneghetti

Dormi mal à noite. Estava eufórico. Como de costume, acordei antes do despertador tocar. Havia chamado uns amigos para essa viagem. Dormiram em casa, não eram da cidade. Despertei-os e depois de meia hora estávamos na estrada.

Dirigi sem parar durante uns 300 quilômetros. Estávamos na estrada fazia umas 4 horas. Por vezes, vários buracos impediam nossa passagem; tivemos que contornar pedras e troncos do caminho. Entramos, então, numa estrada de terra e não saímos mais dela. Quase 100 quilômetros a uma velocidade de cerca de 50 km/h fizeram que a gente tardasse um pouco mais em nosso destino.

A vegetação era um misto de cerrado (uma vegetação baixa, um pouco seca) com caatinga (sabe o cerrado? Então, a caatinga é mais seca, com árvores retorcidas...). Não se distinguia muita coisa: a terra já não tinha o aspecto marrom avermelhado como antes. Era de um tom mais pálido, semelhante ao ocre da vegetação seca. O tempo também não ajudava; o céu estava áspero, num tom cinzento, com nuvens pouco carregadas mas que teimavam em não chover. O dia estava abafado.

À essa altura, a preocupação já estava nas mentes de Karina, Alexandre e Guilherme, meus companheiros de viagem; o combustível do carro já era escasso e não havia nem um cisco de civilização naquela estrada. Quem diria um posto de gasolina. Só poeira. E quanta poeira.

Pouco mais de 10 quilômetros e chegamos ao vilarejo de São José do Barreiro. Havia duas ruas de terra batida, uma praça circular e, em sua frente, ao lado de uma mercearia, um posto de combustível. Lá abastecemos o carro e perguntamos pela cidade de São Roque de Minas, ponto referência de nossa entrada do santuário que procurávamos. O rapaz, meio preguiçoso, explicou que tínhamos que andar mais um pouco, talvez uns 15 quilômetros, seguindo pela mesma estrada que estávamos.

Já era cerca de uma hora da tarde. O dia continuava abafado e quente. E nós com fome. O lanche que a mãe de Alexandre havia preparado para nossa viagem tinha terminado uns 50 quilômetros atrás. Passamos na mercearia: dois refrigerantes, um pacote de biscoito de polvilho e dois de bolachas recheadas. Um de sabor morango, outro de chocolate. Foi nosso almoço. Não podíamos demorar. Não sabíamos o caminho ao certo e qualquer atraso poderia significar passar a noite na estrada, uma vez que o local da primeira queda de São Francisco era protegido pelo estado e fechava à noite. Segundo o frentista para quem pedimos informações, se conseguíssemos chegar até o poente do sol, o qual naquelas bandas se dava às seis horas da tarde, poderíamos achar um “pouso” lá perto. Mas teria que ser até as seis da tarde; após esse horário, o santuário estaria fechado. Procuramos não nos demorar com as bolachas e seguimos viagem.

Passamos em outro vilarejo: Vargem Bonita. Procuramos o porquê do nome, mas já era tarde: a cidade era tão pequena que não conseguimos reparar direito nem na praça central, também circular. Continuamos viagem; tínhamos que chegar rápido.

O pára-brisa do carro, ressecado, não deixava mais a gente enxergar nada à frente. Nessa parte da viagem havia trocado de lugar com Alexandre, quem dirigia o carro. Logo chegamos ao que parecia ser a final de nossa viagem pela estrada de “chão batido”, como os moradores de lá chamam a estrada de terra. Estávamos em São Roque de Minas e alguns minutos do local que procurávamos: exatamente onde o São Francisco caiu pela primeira vez na vida.

Quase lá

A portaria do santuário estava guardada por dois guardas. Tivemos que pagar uma taxa de entrada no local, para as manutenções que o Estado realizava na área. O preço não foi caro: R\$ 3,00. Andamos por mais alguns minutos em estrada de terra até chegarmos a uma bifurcação que nos mostrou que estávamos ligeiramente perdidos: optando pela direita, estaríamos a 100 metros do local onde São Francisco nasceu. Pela esquerda, nem imaginávamos. O que procurávamos exatamente era onde ele caiu pela primeira vez, o local do milagre. No entanto não exitamos; a curiosidade foi grande e fomos até o dito local do nascimento.

Senti um pouco de frustração. O que vimos apenas foi uma placa indicando o local. Eu e meus amigos pensávamos encontrar algo majestoso, uma manjedoura digna de alguém que se tornaria grande e benevolente à sua terra. Apenas algumas pedras e um riacho que se estendia ao horizonte. Nada mais.

Estávamos ainda mais exaustos. Decidimos voltar até a entrada do santuário e nos informar do caminho correto que teríamos que seguir. O relógio apontava 5 horas da tarde. Havíamos andado o dia inteiro sem sucesso de encontrar o local que procurávamos. Na portaria do santuário, os guardas nos informaram que daquele ponto não era possível chegar até o local da queda, exatamente o que procurávamos. Disseram que teríamos que contornar o santuário até a entrada de número quatro. Perguntamos sobre a bifurcação esquerda da estrada; era o caminho que cerca de um ano atrás, um visitante, que tinha o mesmo objetivo

nosso, optou e acabou morrendo. Voltamos, então, à estrada. Teríamos ainda que chegar antes do poente do sol, que se aproximava rapidamente. Alexandre continuou nos guiando.

Rapidamente retornamos a Vargem Bonita e pegamos uma estrada secundária, escondida ao lado do cemitério do vilarejo. Aquela era a correta. Seguimos por mais vinte minutos pela estrada que se estreitava com a vegetação agora fechada. O dia estava terminando; nossa visão era pouca, prejudicada pela pouca luz e pela poeira da estrada. Seguíamos muito cansados.

Chegamos à entrada de número quatro exatamente às seis horas da tarde. O portão de madeira estava aberto, no entanto, sem guardas. Entramos. Percorremos alguns metros, um pouco ressabiados pela dúvida. De repente, escutamos um apito atrás de nós: era o guarda. O santuário já estava fechado, não podíamos permanecer ali. Contamos a ele nossa história, explicamos que já havíamos entrado no santuário naquele dia, porém pela entrada número um. Falamos que ficamos confundidos com as estradas e por esse motivo estávamos atrasados. Mostramos que estávamos interessados no local a poucos instantes dali. O local da primeira queda do São Francisco.

Depois da conversa ele nos deixou entrar, com uma ressalva: não poderíamos seguir muito pelo caminho; estava tarde e o sol já havia ido dormir. Seria perigoso seguir até o local do milagre. Teríamos que acampar perto da entrada dois e só no dia seguinte chegar ao nosso objetivo. Concordamos e pagamos mais uma pequena taxa pelo “pouso”. Montamos acampamento; perto de nossas barracas, um casal de viajantes fazia companhia para a gente. Sem nenhum lampião ou lanterna na bagagem, fomos dormir logo. O casal possuía uma lanterna, mas não quisemos atrapalhar. A noite se erguia ao som de alguns insetos e animais. Ao fundo, um riacho corria suavemente.

O tombo

No dia seguinte, Alexandre e Guilherme acordaram antes que Karina e eu. Logo nos arrumamos, desarmamos as barracas e seguimos a pé pela trilha na mata. Uma trilha sinuosa, fechada, com muitas pedras pelo caminho, mas repleta de esperança. O dia era outro: o sol estava forte e claro, estampado no azul sem nuvens do céu.

Logo o caminho começou a ficar mais íngreme. Firmamos o passo na descida de algumas encostas. Ao nosso lado, distante uns 600 metros, um paredão de rocha nos observava, sereno e imponente. Parecia que guardava ou escondia algo. Como só estávamos descendo, concluímos que a parte do santuário onde estávamos no dia anterior era no alto do paredão.

No caminho não encontramos nenhuma pessoa, o que achamos estranho. Cruzamos pelo riacho que embalou nosso sono à noite. Uma água cristalina e gelada contrastava com o clima árido e seco. Chegamos a um mirante onde pudemos descansar. Ao fundo, o chapadão começava a se abrir. Estávamos certos de que o local da queda estava próxima. Seguimos pela trilha.

Um último esforço para subir um monte de pedras que parecia que caíram de uma forte explosão nos deixou em um nível mais elevado do caminho. Olhamos para frente: lá estava! O paredão finalmente dava espaço a uma abertura bem no

meio de suas rochas. Da abertura jorrava água que caía pelos 200 metros do chapadão até formar uma grande piscina natural gélida e transparente, com alguns peixinhos nos buracos das pedras. Encontramos nosso objetivo. O rio São Francisco, após nascer no alto da Serra da Canastra, percorria 14 quilômetros e formava sua primeira cachoeira, a Casca d'Anta. Um milagre que ninguém questionava sua criação.

Rio São Francisco

Certo que não é o maior em extensão, mas o mais carismático do Brasil, merecendo até ser chamado por Velho Chico, o rio São Francisco nasce no município mineiro de São Roque de Minas, na Serra da Canastra e percorre 3.161 quilômetros até sua foz no povoado de Cabeço, Alagoas.

Após sua primeira represa, em Três Marias (MG) o São Francisco torna-se navegável. Passa para o estado da Bahia e, ao norte do território baiano, possui mais uma represa, a Sobradinho. Na sua construção, as cidades de Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Casa Nova tiveram que ser reconstruídas e quase 12 mil famílias foram recolocadas. Nessa altura, já é parte importante na irrigação de boa área do sertão brasileiro.

O rio faz o contorno dos estados da Bahia e Pernambuco, se interrompe na disputa entre Petrolina e Juazeiro e chega à divisa entre Alagoas e Sergipe para mais uma vez ser represado, agora em Paulo Afonso.

Em 4 de outubro de 1501, o descobridor Américo Vespúcio avistou o rio e o batizou. Era dia de São Francisco de Assis.

Parque da Serra da Canastra

O Parque Nacional da Serra da Canastra fica em Minas Gerais e acolhe a nascente do São Francisco, sua primeira cachoeira e mais dezenas de quedas d'água menores de outros rios. É protegido por leis federais e mantido pelo Ibama. Para visitá-lo, o visitante tem pagar uma taxa de R\$ 3,00. É proibido qualquer tipo de degradação ambiental.

A área fica a 40 km de São Roque de Minas, a 27 km de Vargem Bonita e a 10 km do distrito de São José do Barreiro. Não há linha de transporte coletivo. Se não for possível chegar de carro, a melhor opção é ir de ônibus de Piumhi até Vargem Bonita e tentar uma carona. O local é repleto de prática de esportes radicais e trilheiros off-road, com motos ou jipes.

No parque, é possível acampar apenas perto da portaria 4, pagando uma taxa de R\$ 6,00. O camping tem boa infraestrutura com banheiros, quiosques e churrasqueiras. Não é permitida a entrada com bebidas alcoólicas.

Podem ser feitas reservas de camping pelo fone do escritório do Ibama em São Roque de Minas: (37) 34331195.

Matéria publicada na Revista Tipo, pra tudo existe assunto.

Autor: Diego Pontoglio Meneghetti • Mtb 39910/SP



Atribuição-Uso Não-Comercial-Compatilhamento pela mesma licença 2.0 Brasil

Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compatilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.